

Homero de Oliveira Costa é professor de ciência política da UFRN. É lotado no Departamento de Ciências Sociais e também é professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (mestrado e Doutorado) da UFRN. É formado em Ciências Sociais (habilitação em política), e fez mestrado na Unicamp (ciência política) e doutorado em Ciências Sociais (Área de Política) na PUC-SP, onde esteve recentemente ministrando aulas no Programa de Pós-Graduação. É autor dos livros: A insurreição comunista de 1935: Natal, o primeiro ato da tragédia. Editado pela Ensaio (SP) e contou com apoio da Cooperativa Cultural do RN; Reforma Política e outros ensaios (Sebo Vermelho), Democracia e Representação política no Brasil (Sulina/RS) e Dilemas da representação política no Brasil (Editora da UFPB), além de artigos em revistas acadêmicas, colabora com a imprensa local, escrevendo artigos periódicos, Nosso interesse em fazer esta matéria com o professor Homero Costa deve-se, em grande parte, a referência à sua diversificada biblioteca, uma das maiores do Estado. Vamos à entrevista.

Professor, segundo consta no livro “Bibliotecas Vivas do Rio Grande do Norte” de Lívio de Oliveira, o Sr. tinha, em 2002, quando a entrevista foi feita, algo em torno de 10 mil livros. Já aumentou muito o acervo desde então? Afinal, quantos livros você tem?

Olha, nunca contei. Quando o Lívio esteve aqui, em 2002, fizemos uma estimativa. Desde então, certamente comprei muitos livros. Só no período que morei em São Paulo depois, trouxe mais de 3 mil. Compro livros quase todos os dias...Só que me desfiz de muitos. Não há mais espaço em meu apartamento. Para comprar, tenho de me desfazer...em geral, deixo (em crédito) nos sebos, com meus amigos sebitas.

Na sua biblioteca tem muitos livros raros? O Sr. se considera um bibliófilo?

Não, não tenho muitas raridades, especialmente, digamos, do ponto de vista comercial (livros raros e caros), quanto a isso, os ladrões de bibliotecas podem ficar tranquilos... e quanto a ser bibliófilo, não me considero, a não ser que entendamos como aquele que ama os livros...agora, ter muitos livros não quer dizer nada. Pode ser um amontoado de bobagens ou então bibliotecas especializadas (Medicina ou Direito, por exemplo. Em geral, as chamadas bibliotecas profissionais tendem a tornar-se rapidamente obsoletas). De minha parte, me considero apenas um leitor apaixonado, mas, espero, também criterioso. Não leio “qualquer coisa”. Aliás, não sou bibliófilo porque sequer tenho dinheiro para isso. Bibliófilo para mim foi José Mindlin que, além de grande leitor, não apenas tinha um acervo extraordinário, como dinheiro para comprar o que quisesse. Como disse em seu belo livro (“uma vida entre livros”) saiu de São Paulo para ir a Londres, só para participar de um leilão sobre determinado livro... quem me dera! E mais: não me interessa primeiras edições, livros autografados etc. o que eu quero é ler o livro. Se não consigo ler na proporção que compro é outra história... quero, pelo menos, com os livros em minhas estantes, ter a possibilidade de ler.

Sua biblioteca é muito variada?

É sim. Uma das características da minha biblioteca (acho um pouco exagerada o termo, mas como definir?) é seu ecletismo. Mas há critério nisso. Nem leio nem compro qualquer coisa. O bom leitor, creio, é o que evita certos tipos de livros. Não tenho livros esotéricos, religiosos (li uma frase ótima dia desses: “nós temos religião suficiente para

odiarmos uns aos outros, mas não para amarmos...”, isso sem considerar a intolerância, os gigolôs da miséria, os que matam em nome de Deus...), de auto-ajuda (não lembro quem escreveu que há milhares de pessoas infelizes comprando livros de auto-ajuda e deixando cada vez mais feliz os autores desses livros. Os autores são um sucesso, eles, não...), best-sellers em geral (de vez em quando um livro bom se torna um, sem muita explicação plausível, como, por exemplo, “uma breve história do tempo” de Stephen Hawking (que vendeu muito mais desconfio que poucos que leram entenderam realmente...), enfim, Best-sellers em geral não me interessam. Quanto as minhas leituras, leio sobre várias áreas do conhecimento, completamente distinta da área que leciono (ciência política), ou seja, além dos óbvios livros de ciência política, sociologia, história etc, tenho muitos livros de astronomia (um acervo razoável, especialmente obras de divulgação, de Carl Sagan (gosto muito), Freeman Dyson Martin Rees, Alan Lightman (gostei imensamente do livro “Luz antiga: uma introdução à cosmologia”), Stephen Hawking (além do clássico “uma breve História do tempo” tenho várias livros de e sobre ele, como a biografia dele escrita por Kristine Larsen, o livro “o universo de Sthephen Hawking etc). Há pouco comprei para uma das minhas filhas o livro que ele escreveu com sua filha Lucy, “George e a caça ao tesouro cósmico. Um ótimo livro de introdução, escrito para crianças, uma forma divertida de conhecer a ciência do universo (ela já tinha lido e gostado muito do “George e o segredo do universo”). No Brasil, ainda incipiente em termos de livros de divulgação científica, cito dois: Marcelo Gleiser (autor de vários livros) e Mario Novello (“Do big bang ao universo eterno”, “Máquina do tempo” “O que é cosmologia” etc.), tenho e leio muitos livros sobre os gigantes da ciência, como Newton, Galileu (li há pouco uma ótima biografia: “Galileu anticristo”, de Michael White), Copérnico (depois dele, adotamos uma postura mais humilde em relação ao nosso lugar no cosmo. A terra é apenas um pedregulho insignificante na imensidão do universo...), Kepler, Darwin (um dos meus heróis intelectuais), Einstein, Richard Feynman... Gosto muito de ler também sobre evolucionismo (“As origens das espécies” e “As origens do Homem”, de Darwin, são, para mim, leituras fundamentais. Alguém já disse que ninguém levemente alfabetizado em ciência duvida do princípio da seleção natural como Darwin anunciou. Para quem gosta, três livros indispensáveis: “O maior espetáculo da Terra” (as evidências da evolução) e “A grande história da evolução” (Na trilha dos nossos ancestrais) de Richard Dawkins (autor do polêmico, “Deus, um delírio” – que também li) e “A perigosa idéia de Darwin: a evolução e os significados da vida” de Daniel C. Dennett. Outro grande cientista e divulgador da ciência foi Stephen Jay Gould. Tenho praticamente todos livros publicados por ele. São maravilhosos. Já fui assinante de “Nature” e “Science”, hoje, assino Scientific American. Enfim, sou apenas um diletante nessas áreas, o que não me impede de ser um leitor atento e apaixonado. Por exemplo, no momento estou lendo “uma breve história da química: da alquimia às ciências moleculares modernas” de Arthur Greenberg... também tenho muitos livros de filosofia. Devo ser um das únicas pessoas que ainda lê Bertrand Russel... outros de minha predileção são Spinoza, David Hume e Nietzsche. Para mim, vale a pena trilhar o caminho da indagação racional... Gosto muito de literatura também...

Que autores, por exemplo?

Creio que a maior parte dos meus livros é de literatura. Superam e muito os de ciência política... Começo com o maior de todos, Shakespeare. Tenho suas obras completas, em edições diferentes. É leitura permanente e, creio, deveria ser obrigatória até mesmo em cursos de ciência política... Cervantes, Rabelais, Flaubert, Balzac (uma das minhas

reliquias são os 17 volumes da Comédia Humana, na primeira edição publicada no Brasil, pela Editora Globo de Porto Alegre, nos anos 1950), Kafka, Dostoiévsky (tenho as obras completas, da 1ª. Edição no Brasil, salvo engano em 8 volumes), Mark Twain, Marcel Proust, Bernard Shaw. Dos mais recentes, são tantos: cito alguns, correndo o risco de esquecer vários: Ítalo Calvino (devo ter todos os livros dele), Umberto Eco, Kurt Vonnegut, Albert Camus, Hemingway, Miguel Torga, José Saramago, Antonio Lobo Antunes, Tariq Ali, Julio Cortazar, Jorge Luis Borges (que seguramente está no panteão dos mestres do século XX), Vargas Lhosa (merecido prêmio Nobel de literatura), Cabrera Infante, Garcia Marquez, Juan Rulfo, Octavio Paz, J.M. Coetzee, enfim, são tantos... onde situar os maravilhosos “Ensaio” de Montaigne? Literatura, filosofia?...

E os brasileiros?

Ah, tem muita gente boa. A começar por Machado de Assis, Euclides da Cunha, Adoro Lima Barreto (tenho suas obras completas, em 17 volumes), Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Osman Lins, Clarice Lispector, Campos de Carvalho, Guimarães Rosa, João Ubaldo Ribeiro... etc gosto muito de ler crítica literária, como os livros de José Veríssimo, Augusto Meyer, Agrippino Grieco, Brito Broca, Franklin de Oliveira, Sergio Millet, Wilson Martins, Sérgio Buarque de Holanda (além de extraordinário historiador, foi também crítico literário) Otto Maria Carpeaux (não era brasileiro, mas adotou o Brasil como pátria. Entre outros livros, escreveu uma obra extraordinária: História da literatura ocidental), Antonio Cândido, Alfredo Bosi... nossos grandes poetas como Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade (no início deste ano fui com uns amigos a Itabira, exclusivamente para visitar a casa onde ele nasceu, assim como a Cordisburgo, na casa onde nasceu Guimarães Rosa), Murilo Mendes e João Cabral de Melo Neto. Mas gosto de ler particularmente dois: Mario Quintana e Manoel de Barros

E quanto ao Rio Grande do Norte?

Tenho alguns livros, mas nada que se possa comparar ao acervo de alguns amigos como Sanderson Negreiros, Tarcisio Gurgel, Vicente Serejo, Manuel Onofre, Inácio Magalhães, Abimael Silva, João da Mata e Francisco Marinho, por exemplo (todos têm muitos livros, talvez bem mais do que eu e não apenas sobre o RN, claro). Tenho muitos livros de Câmara Cascudo, que considero o maior de todos, nosso maior patrimônio intelectual. Tenho obras de José Bezerra Gomes, Polycarpo Feitosa, de alguns dos nossos grandes poetas como Jorge Fernandes, Zila Mamede, Luis Carlos Guimarães Jarbas Martins, Sanderson Negreiros, Nei Leandro de Castro etc. alguns da nova geração, como Marize Castro, Iracema Macedo, por exemplo e acompanho a produção de alguns jovens talentosos, como esses chamados “novos escribas” (cito, por exemplo, Carlos Fialho, cujos livros li e gostei).

O que acha da política cultural do estado?

Que política? É uma pobreza só. Li há pouco sobre o acervo da Biblioteca Câmara Cascudo, que devia honrar o nome que tem. Não renovam o acervo há 40 anos! É a expressão mais acabada da forma como os governantes tratam a cultura (e não é um problema específico do RN. Basta ver os recursos do Ministério da Cultura. Tenho a impressão que até o Ministério da Pesca tem mais dinheiro... A situação da Biblioteca do Estado não deve ser diferente de outras bibliotecas, inclusive das escolas tanto

municipais quanto estaduais. No entanto, no que diz respeito aos livros, nem tudo está perdido. Há várias experiências interessantes, como a Rede Potiguar de Escolas Leitoras, iniciativas de incentivo à leitura da Assembléia Legislativa em escolas públicas, mas destaco especialmente o trabalho de muitos professores (professoras, em particular) de escolas públicas que, dentro das limitações, procuram estimular a leitura, levando escritores para conversar com os alunos, batalhando para ampliar os acervos através de doações etc. Minha impressão é que se dependessem apenas das secretarias de educação e diretorias das escolas, não sairiam do lugar...

O sr. é um assíduo freqüentador de livrarias e sebos (não apenas em Natal). Como o sr., analisa as livrarias e os sebos de Natal?

Em relação às livrarias, creio que temos boas livrarias, como a Cooperativa Cultural da UFRN, a Poty e a Siciliano. Quanto aos sebos, temos um número razoável de sebos. Houve uma expansão, em geral, mais em função da procura por livros baratos (especialmente didáticos) do que afinidade de alguns sebigistas com livros (são poucos os que realmente conhecem livros, se interessam por eles e lêem. Entre os que se interessam e lêem, cito Abimael Silva, do Sebo Vermelho, que além de dono de sebo – um dos melhores e mais antigos da cidade – é um editor que presta grande serviço à cultura do Estado, e além disso ele é também leitor habitual (tem excelente acervo em casa, especialmente sobre o RN).

Quanto à organização, o sebo, por definição, é um lugar de acúmulo de livros usados. No Brasil hoje, há muitos organizados, no entanto, a meu ver, perde-se aquele prazer da descoberta, da garimpagem (quantos livros encontrei em garimpagens por sebos do Brasil...). Quem deve ser organizado são as livrarias... hoje, para quem gosta de sebos, há várias possibilidades que não tinha há algum tempo: os sebos virtuais, como a “estante virtual” (do qual sou assíduo freqüentador) e seus milhões de livros disponíveis. A facilidade de comprar livros pela internet nas grandes livrarias como a Livraria Cultura, Saraiva/Siciliano ou virtuais como Amazon etc. Quanto aos sebos de Natal (sou amigo da maioria dos sebigistas), em geral, não são organizados, mas isso, como disse, não quer dizer muito. O importante é o acervo e essa é justamente a grande dificuldade de se manter, o seja, a renovação do estoque. Não é todo dia que aparece alguém nos sebos vendendo (bons) livros...em geral são “refugos” ou de péssima qualidade.

Qual foi o livro mais raro que o Sr. comprou em sebos?

Não sei te dizer. Tenho alguns talvez difíceis de encontrar. Não sei se tem valor, digamos, comercial. Ex. as obras completas de Bernard Shaw, creio, não é tão fácil de encontrar em sebos. Como disse, não sou bibliófilo e assim, não tenho muito interesse por raridades do ponto de vista comercial. Que diferença faz ter uma 1ª. edição se o que eu quero é ler o livro? Há pouco procurei um livro nas minhas estantes para dar de presente a um amigo e como não encontrei, procurei em sebos (inclusive os virtuais), livrarias etc. e não encontrei. Está esgotadíssimo. É um livro difícil de achar, nem por isso, digamos, raridade bibliográfica. Chama-se “Os condenados da terra” de Franz Fanon. Terminei trocando por outros livros com um amigo para poder presentear a outro que estava interessadíssimo em adquirir...

No livro “Bibliotecas Vivas do Rio Grande do Norte”, de Lívio Oliveira, tem uma foto do Sr., com sua filha ao lado, lendo uma antologia dos “mais belos contos das Mil e Uma Noites.” O Sr. acredita que o incentivo dos pais leva sempre a criança a gostar de ler, e de até produzir, livros? Ou existem crianças infensas à leitura de livros?

O incentivo é fundamental. Não creio que sejam infensas como você disse... Pode faltar as condições e os estímulos necessários. Como incentivar a ler se os pais não leem? Como fazer isso na escola se muitos professores também não leem? De minha parte, procuro estimular minhas filhas a ler, freqüentando livrarias, sebos, feiras de livros etc e, claro, comprando livros para elas, mas, importante salientar, sem nenhuma imposição. Estimulo a ler os clássicos (Andersen, irmãos Grimm, Monteiro Lobato no Brasil etc), mas quero que, como eu, leiam por prazer (e, claro, para aprender, ampliar sua visão de mundo etc). Acho que o exemplo a dar é ler e aqui em casa, tanto eu como minha mulher somos leitores (e compradores de livros) assíduos. Espero que elas sejam grandes leitoras. Os livros são maior patrimônio que posso dar a elas...

Além da literatura, que outro tipo de produção cultural o sr., cultiva? Cinema? Música? Artes em geral?

Começando pelo final. Sou mais leitor de livros sobre artes do que freqüentador de galerias, museus etc.(embora frequente, quando viajo. Na Europa, os inevitáveis museu do Louvre, Picasso, Rodin e d’Orsay em Paris, o de Van Gogh em Amsterdam etc Por falar em Amsterdam, como diletante, sou fascinado por um pintor holandês chamado Vermeer (Johannes van der Meer/ 1632-1675) . Acho suas pinturas maravilhosas. Li biografias sobre ele, livros como “a moça com brinco de pérolas” (Tracy Chevalier), adaptado para o cinema (ótimo filme). Há pouco, por exemplo, estive no Rio e São Paulo e fui tanto ao MASP, em São Paulo, como ao MAM, no Rio. E no início do próximo ano programo uma viagem ao museu do Inhotin, que fica em Brumadinho, próximo de Belo Horizonte e que tem um dos maiores (e melhores) acervos de arte moderna. Do país.

Gosto muito de cinema. Compro muito filmes, tenho “pilhas” para ver e não encontro tempo para assistir tudo que tenho em casa, especialmente documentários. Além dos filmes, tenho um acervo razoável de livros sobre cinema. Há pouco comprei um livro recente sobre Kurosawa, um cineasta japonês (já falecido) que adoro. Quanto à música, idem. Gosto demais. Ouço todos os dias. Tenho também um acervo razoável de MPB (inclusive de vinil e músicas clássicas. Com tanta coisa boa para se ouvir (de Noel Rosa a Chico Buarque, Milton nascimento, Caetano, Tom Jobim, Egberto Gismonti, Vila Lobos etc., etc. há quem goste de ouvir música brega, axé, duplas caipiras ... ah, gosto muito também de Blues (comprei há pouco um DVD chamado “A história do Blues, de Martin Scorsese. Uma maravilha, com grandes bluseiros como B.B.King, Robert Cray, Budy Guy, Bill Cosby etc. Além disso, gosto muito de teatro, mas, em Natal, não temos muita oportunidade de ver bons espetáculos, em que pese o esforço dos grupos locais, com muita gente talentosa, mas sem incentivos, dinheiro, espaços etc. uma das coisas que sinto falta de São Paulo, além das livrarias e sebos, é do teatro e de um lugar que vende CDs maravilhosos, especialmente da MPB (e que não encontra fácil em outro lugar) chamado “baratos afins”... (fica na famosa “galeria do Rock”). Agora, se você me perguntar se entre assistir um bom filme, ouvir boa música ou ler um bom livro,

fico com os livros...(aliás, concordo inteiramente com o grande escritor argentino Jorge Luis Borges (de quem tenho as obras completas e sou leitor assíduo) ler, para mim, é uma forma de felicidade

Para finalizar, como o Sr. Se define politicamente?

Como alguém de esquerda. Me considero (ainda) marxista

Da linha de Groucho Marx?

Gosto muito dos irmãos Marx (livros e filmes), mas é na linha de Karl Marx mesmo... aliás, alguns acham que não existe mais esse negócio de direita e esquerda, o que não é o meu caso. Continuo acreditando nisso (aliás, não é uma questão de crença...) e mais: você já prestou a atenção para o fato de que quem nega essa dicotomia nunca é de esquerda?). Isso não significa não reconhecer os erros que a esquerda, de um modo geral, tem cometido ao longo do tempo (especialmente a brasileira que conheço um pouco). Aliás, como disse Alan Sokal, razão e honestidade não são propriedade privada nem da esquerda nem da direita... De minha parte, como não filio a tendências, Sou uma espécie de “livre atirador”, mas não menosprezo a militância partidária, só na, digamos, minha vocação. Aborrecem-me profundamente as discussões infundáveis, a intolerância com quem pensa diferente, o reunismo inveterado, as disputas de tendências etc. voltando a Marx: considero que a análise de Marx sobre o capitalismo – que sempre foi um sistema perverso e excludente – insuperável (evidentemente até o capitalismo do seu tempo. Muitos criticam Marx sem sequer ter lido e muito menos compreendido... Bom, restam aos marxistas a enorme tarefa de compreender (e se possível ajudar a superar) o capitalismo posterior a ele... com isso quero dizer que não creio que o marxista esteja superado. Acho que ainda oferece instrumento analítico para compreender o capitalismo em sua fase atual (muito da tal globalização, por exemplo, já está lá no Manifesto Comunista, de 1848...).

Para finalizar, diga aí uma boa frase...

O Brasil só será um grande país quando os homens de bem tiverem a mesma ousadia dos canalhas...



www.dhnet.org.br